

OR REPUBLICANO

EDITOR E ADMINISTRADOR,
António de J. Teixeira
Comp. e Imp. Tip. Minerva Vimaranesse

PROPRIEDADE

— DO —

Centro Democrático Vimaranesse

REDACTOR PRINCIPAL,
Eduardo d'Almeida
Red. e adm. Rua de Gil Vicente

Soldados portugueses

Aliada por seculares tratados á amiga e poderosa Inglaterra—fé jurada que renovara, ardentemente, lealmente, nas primeiras horas da proclamação da Republica—saída, mais do que dum movimento revolucionário, da indiscutida necessidade, por tódas as pessoas honradas acciata, de salvar a dignidade nacional vilipendiada, com leviandade idiota e sarcasmo atrevido, por uma politiquice sacristeira de baixa intriga, vegetando de expedientes mediocres,—a nação portuguesa está, finalmente, cumprindo o alto dever de civismo e sacrificio a que foi chamada, cooperando directamente com os seus soldados na tremenda luta do imperialismo germânico contra a segurança dos pequenos estados e ao lado da fôrça, altiva mas humanitária, daquêles que representam e defendem as ideas de justiça e de liberdade, de sentimento e honra. Nas margens do Tejo, donde, outrora, o sangue português se escoou para as mais arriscadas aventuras duma historia gloriosa, de novo se juntam e emquadram os nossos soldados, gente do campo e aristocratas, operários e deputados, e estreitam e abraçam os mais divorciados pelas crenças religiosas e politicas, com o viril e purissimo entusiasmo de abnegação e esperança de quem sabe, mesmo dentre os que perfeitamente não podem conhecer a razão inteira da nossa situação de beligerancia, que tem uma bandeira a defender e o nome da Patria a nobilitar.

A perturbadora commoção de anciosa saudade apenas se lê no rosto dos que ficam—as familias, os amigos, os compatriotas—, vibrando no desejo de que as armas portuguesas, efectivamente empenhadas agora na

decisão da luta—que não é já uma conflagração europea, mas, pela probabilidade dos seus resultados, uma revolução mundial—recordem aos nossos adversários (que se orgulham de invencíveis como se descendessem e representassem o deus da fôrça sempre vitoriosa) os montantes invencíveis de nossos antepassados, êsses que, num fulgôr medievo de cavalaria, construíram uma nacionalidade e a tornaram respeitada e temida do próprio ciúme irritado das entidades mitológicas. Eles verão, os nossos soldados, entre o fumo venenoso e mortifero, na tempestade infernal das batalhas, as suas casinhas brancas sorrindo ao sol nas encostas, o brando rio de murmurosos idilios, a noiva pastoreando o gado nas bouças ensombradas, olhando, no ceu, para o poente entristecido de purpura, os olhos ausentes do namorado, a velhinha desfiando preces, com a enternecida solicitude de quem, na dura experiencia da vida, aprendeu a esperar serenamente; e não de ouvir, nitidamente, como ruido de pétalas arrastadas pelo vento, como azas alegres de borboletas adejando, as quadras das ceifeiras, pelos campos, quebradas de sentimento, embalando a criança perra da ilusão: o amor, o amor ao que partiu e voltará um dia, queimado da metralha, a farda rôtta, mas trazendo, alta, em suas mãos, musculosas e firmes, desfraldada ao vento, engalanada de loiros, a bandeira da Patria. E como as lancinantes, choradas lágrimas se converterão, amanhã, noutras lágrimas de sufocada alegria: um renascimento de vida, o soldado português, longe, nos campos duma Patria estranha onde o destino das Pátrias se deci-

de, não hesitará um só instante diante do perigo e quando, num recontro, se bater com o inimigo, êste reconhecerá em sua frente, heroico e grande, um filho de Portugal!



Crepusculo na mata

Na tarde tropical, aria e pesa a atmosfera.
A vida, na floresta abafada e sonora,
Humida exhalação de aromas vapora,
E no sangue, na seiva e no humus accelera.

Tudo, entre sombras,—o ar e o chão, a fauna e a flora,
A erva e o passarro, a pedra e o tronco, os ninhos e a hera,
A agua e o reptil, a folha e o insecto, a flor e a fera,
—Tudo vossta e estala em actos de plelora.

O amor apresta o gozo e o sacrificio na ara:
Guinchos, berros, sentir, silvar, ululato de ira,
Rufios, chilros, frufrus, batidos de ternura...

Subito, a excitação declina, a febre para,
E misteriosamente, em gemido que expira,
Um surdo baço morno alquebra a mata escura...

OLAVO BILAC.



Concêrtos populares

sôb a direcção de

Americo Angelo

Realizou-se quarta feira—no nosso Teatro D. Afonso Henriques—o primeiro concêrto duma orquestra composta por 34 executantes regidos pelo illustre compositor e professor, nosso muito querido e distinto amigo Americo Angelo. Não obstante a excellencia do programa e a antecipada certeza de que a responsabilidade artistica do notável maestro não deixaria passar gato por lebre, a casa estava pouco mais de regular—pois se não tratava de furiar cinematográficas nem de fadinhos de revista—e, mesmo assim, dentre os presentes, poucos exteriorizaram o seu aplauso. Estes concêrtos, que hoje prendem a atenção de Lisboa tódos os domingos, alem da magia emocional com que arrebatam o espirito dos mais cultos, exercem uma acção profundamente educativa na própria massa indifferente ou ignorante.

Tomando-se em consideração que era um primeiro concêrto, friamente recebido, e atentas as condições em que foi organizado, a critica não pode justamente deixar de ser elogiosa sem favor. Tanto que, no mesmo espectáculo, as ligeiras hesitações com que foi executada a valsa polca de

Miguel Angelo, logo desaparecem na *Rêverie* de Schumann, musica deliciosa e embaladora, os olhos cerrando-se aos trinados de rouxinois, e no espirito semi-adormecido passando, já em figura de sonho, a serenata do trovador enamorado, que é como o próprio coração batendo de amôr por uma mulher, ainda nêsse dia longamente contemplada.

A serenata de Lacombe, episódica e popular, correu quasi acertada, e a tempo o maravilhoso final da 1.ª sinfonia de Beethoven, o genio da musica, que nos deu bem a impressão dessa obra estranha de arte imortal, que ninguém excedeu ainda na perturbante, na dolorosa, na agitada luta de sentimentalismo profundamente enraizado na alma humana.

Para quem conhece musica o nome de Miguel Angelo, estremeado e saudosos pai do estimado professor, ficou porcerto vinculado como o de um verdadeiro e insigne artista. As dansas arabes, trecho do *Eurico*, tem a caracterista beleza da musica oriental, tódta a sua dolência poetica, o fatalismo apaixonado, os requebros dengosos, e veem-se, surgindo das notas, corpos magros e esculpturais de mulheres nervosas, de olhos scismadores, envenenando com beijos de paixão, a enlaçar-nos com a seda transparente dos seus ligeiros mantos. Quis Americo Angelo deliciar-nos com a execução duma obra sua—*Tempestade*...

E' arte, vivida, sentida, chocando no cérebro, arrepiando os nervos, fazendo bater o coração.

Duma instrumentação complicada e perfeita, wagneriana, tem, criada por um sentimento meridional, entre relampagos e trovões, a nota saliente, batida pela chuva, a soluçar nos campos, dum amor de mulher, fio de comoção gemendo como fio de agua gôta a gôta no meio do fragôr tempestuoso e das fortes bategas, como pastora enamorada recolhendo do monte com as ovelhas.

Hospital da Misericórdia

... «que não foi a mês actual quem proibiu a entrada franca no hospital aos domingos, medida essa tomada em 1910, mas apenas se limitou a resolver que não mais, e sem excepções, se dariam bilhetes de entrada, por favor, ás pessoas que naquêlle dia quizessem ir ao hospital visitar parentes ou amigos... »

Pois tanto peor, meus amiguinhos. Agora, francamente, é que não sabemos classificar a interessante resolução tomada.

Quem dava o *cartãozinho*—e não é este ainda, eternamente, o carinhoso pais em que tudo se faz por favor?—pudia, por mais bronco que fosse, prevenir-se contra qualquer cilada e incorrecção, ou, pelo menos e sempre, evitar que ela se repetisse. Com que revoltante cinismo, com que lamentável falta de sentimentos, se ha de recusar a uma pessoa honesta e pobre, que toda a semana moirejou incansavelmente, operária de fabrica, criada de servir que os patrões não deixam

sair á semana, rapariguinha apatreada de Airão, de Longos ou de Oleiros, a visita á mãe, a uma avó, a uma irmã?

Não, assim ainda o caso refina de maldade, de tolice, de apostada teimosia. Parece-nos que na olimpica atmosfera em que vivem os *dónos da casa dos pobres* se não ouvem os bradôs de revolta e de amargura, as lamentações e os murmurios desfavoráveis com que os *pobres* do concelho veem de ha muito vergastando e condemnando a desastradissima forma por que os *dónos* andam enverganhando o justo nome e a benemerita obra do hospital da Misericórdia. Ou não sabem o que é misericórdia...

Politiquellos incorrigiveis

Já que mais não pode fazer, esta gente, para se dar ares de viver em pais conquistado, arremete atrevida, fanfarronante, e desmancha sempre tudo—festas, opiniões, civilidade—, para, no fim, de rabo encolhido, ficar a pingar de triste figura. Assim foi com a festa da Juventude, que nem foi da Juventude, nem católica, embora metesse padres, pois que ia redundando, se a autoridade não intervem a tempo e energeticamente, num comício monárquico, ás escancaras, pondo a nota danada da politica num meio por demais viciado da sua corrupção e num tempo que aconselha a calar a morbida efervescencia dessas tristes paixões. A nosso ver os conspícuos comiceiros iludiram mesmo a boa fé de quem os convidou, servindo ao publico o estafado chá de faceis recriminações e doestos agarotados, ou, como o intellecto não desse para dissertações teológicas e morais, acharam mais comodo repisar o terreno da eloquencia negativista e ôca da intriga e do escândalo.

Procedeu acertadamente a autoridade administrativa e, se o nosso louvor a não engrandece, tem a valia ao menos de vir de quem, muitas vezes, se coloca imparcialmente em desacôrdo com os seus actos.

Para cumular a torpêsa, um dos oradores vem agora, num jornal do Porto, reproduzir a conferencia para impressionar o publico contra as prepotencias do administrador do concelho de Guimarães, cometendo, porem, a perfida deslealdade, pouco vista de oradores e jornalistas portugueses, republicanos ou monárquicos, de truncar e disfarçar os pontos mais salientes de baixa politiquice. Mas se êles são assim...

João Penha

Boemia ardente de ironia, maguada de sentimentalismo. Viver longas horas, diante de dois decilítros, a conversar sôbre os maiores genios da arte, dissecando a filosofia, a politica, a vã grandeza da terra. Errar uma noite inteira, sosinho, pelas vielas onde soluça o fado do amor barato ou pelas estradas batidas de luar, como um caminheiro, perdido, absorto em pensamentos indefinidos e

torturantes. O coração gemendo, o espirito agitado de tempestade, ir burilando um soneto com a pericia artistica dum lavrante de oiro, espalhando assim pela terra comida da vermina de interesses mesquinhos o genio, a flor, o perfume e a graça da poesia. Depois, alquebrado de desenganos, agonisar num catre, obscuramente, miseravelmente, a tremer de frio, a esticar de fome... E' a vida de João Penha—porque é a vida de quem em Portugal tem talento. O genio morre de fome. A poesia tiritada num catre sujo. A musica é um ralo de moribundo. A arte um desvairado gesto de supplica. Por fim os jornais, a burguesia, a politica agarram no dicionário e, para supremo sarcasmo, lauream o pobre moribundo de folhetas doiradas, tropos recosidos e... pedem esmola!

Frases e filosofias

para uso da mocidade

Deviamos viver apenas para o prazer. Nada envelhece como a felicidade.

E' somente não satisfazendo as facturas que poderemos esperar viver na memória das classes comerciais.

Nenhum crime é vulgar. Mas toda a vulgaridade é crime. A vulgaridade é o procedimento dos outros.

Só os superficiais se conhecem.

O tempo é um desperdício de dinheiro.

Deviamos ser sempre um pouco inverosimilhanes.

Ha em todas as boas resoluções uma fatalidade: são feitas sempre cedo demais.

A unica maneira de resgatar uma elegância por vezes excessiva consiste em ter sempre uma excessiva boa educação.

Ser prematuro é ser perfeito.

Toda a preocupação do que, no procedimento, é bem ou mal prova uma paralisação no desinvolvimento intelectual.

A ambição é o último refúgio do insucesso.

OSCAR WILDE.



A duração da guerra

(Continuação)

Opinião sem dúvida absoluta mas que contém uma parte de verdade. Desinvolvendo-a o autor descobre inteiramente o seu pensamento pois que fala de «exitos ou de reveses de toda a campanha». Nada mais diz, de resto sobre a duração desta, ficando por isso evidente que a duração será função duma quantidade de factores: valor do comando, moral das tropas, potencia material, alianças politicas, a seguir ao primeiro recontro. Quizemos citar apenas G. H. Bonnal entre aquelles a quem se atribue, com mais ou menos fundamento, a opinião duma guerra de curta duração. Por outro lado, a grande maioria dos tecnicos manifestou-se sempre nitidamente contra a opinião que admitia que a guerra não se prolongaria muito depois da primeira batalha. O general Maillard, criador da nossa doutrina da guerra moderna, escrevia em 1891: «não perfilhamos a opinião emitida por alguns de que a guerra futura será curta, e achamos perigoso limitar com antecedencia a dose de energia de que um povo deve fazer provisão.» Isto é claro. O general Langlois, cuja alta intelligencia influíu com felicidade na direcção do exercito protestou varias vezes contra a mesma opinião. Mas esta concepção da guerra moderna tinha um caracter de simplicidade, de elegância se

assim se pode dizer, que seduzia certos espiritos: a guerra ficava reduzida ás proporções dum simples esbôço, consistia na solução dum problema na carta. Havia ainda gente mais simplista que, sem competência tecnica, mas professando uma fé de carvoeiro na omnipotencia dos meios materiais, cria inabalavelmente numa guerra curta: os exercitos chocam-se; a luta dura quinze dias; possuem tais meios de destruição que se aniquilam mutuamente. Adoptavam estes assim uma concepção extremamente simples, porque ella lhes permitia pensar que o próprio absurdo bastava a impedir que uma nova guerra se desencadeasse. Ha, todavia, outras opiniões emitidas que é interessante examinar. E' exacto que alguns tecnicos, que se propunham ser mais objectivos, admitiam, reconhecendo aliás que a guerra se prolongaria para alem dum primeiro encontro, por mais importante que fosse, que não podia durar mais dum ano. Coisa curiosa—a sua opinião fundava-se não sobre o esgotamento das forças militares dos beligerantes ao cabo deste periodo de luta, mas numa crise económica que deveria suspender nesse momento o maquinismo da vida das nações em guerra. Assim, um dos nossos militares profissionais, o comandante Mordacq—, num estudo publicado alguns meses sómente antes da guerra, depois de admi-

tir que certas considerações de estratégia pura bastavam a fazer supor que a luta se prolongaria depois do primeiro choque dos exercitos opostos, chegava entretanto á conclusão seguinte: «se atendermos a considerações de ordem material, politica, financeira, psicologica, vemos que a futura guerra não poderá prolongar-se tanto tempo como certas guerras do passado e durar quasi um ano. Ao fim dalguns meses, haveria uma tal paralisação na vida económica, industrial, agricola e commercial, e isto em todos os povos, que os governos teriam a sensação de tocar quasi nos limites do esgotamento. Esse momento critico virá ao fim de três, quatro ou cinco meses? Eis um ponto que não podemos fixar duma maneira definitiva porque não ha uma base solida. Et l'on arrive, dès lors, à une fourchette de trois à cinq mois, qui n'est qu'une simple hypothese...»—Assim, o comandante Mordacq— viu as nações beligerantes encerradas nas fronteiras. Não levou em conta o valor das comunicações maritimas que, por mais contrariadas que fossem pela guerra naval, não deixariam de estar á disposição dos beligerantes; não previu o formidável movimento de importações, favorecido por toda a espécie de interesses particulares, que bastaria para impedir a declaração duma crise grave na vida económica do país. Esse movimento foi tão considerável entre nós que nos fez despresar as riquezas nacionais.

JEAN NOREL.

Da minha terra

Emilia

...—Vê-la? Acolá... no fundo do rio...

Aquela que está além, do lado direito, sentada perto da margem, de lenço vermelho deitado para trás, deixando vêr os seus cabelos fartos e loiros como um trigal maduro, de faces chupadas, que está de cabeça pendente, muito encolhida no chales negro.

Vê-la?... E pararam os dois, a mira-la, conversando.

De minha casa ao outeiro, la-deira acima, eram dois passos.

Ela vivia com o pai, um velhinho entrevado, muito conversador, que lhe queria tanto como aos olhos da cara, e que muitas vezes chorava de alegria, quando a filha com certo carinho se achegava dele e o amimava na doença com

palavras amigas, animando-o com caricias, com afagos, e com pedidos e conselhos fazia-lhe iluminar de franca gratidão o seu rosto miudo e palido, onde as profundas rugas do sofrimento punham uma nota acentuada da velhice precoce.

—«Não esteja a afligir-se;—dizia ella num tom de voz muito doce—ha-de sarar se Deus quizer. Eu já me apeguei com Nossa Senhora... Tenho muita fé».

E elle muito esperançado, coitado! mirava a filha com resignada obediencia, e torcia-se de dores, queixando-se dos ossos e das malditas pernas, que ha onze meses não mexia.

E chorava, chorava muito, indo-se-lhe a vida em cada lagrima que tão desesperadamente vertia.

Todas as tardes, ao escurecer, a pedido dessa rapariga,—que um dia se botara de joelhos diante de mim, supplicante e lacrimosa—eu ia visitar o pobre velhote entrevado.

Eram dois passos... Ia sem custo. Aturava com pachorra as exigencias do homem doente, e com imenso agrado acolhia os sorrisos de expressiva gratidão com que aquella rapariga me saudava, e o benevolo aperto de mão, á saída, já fora do horto, que vinha sempre acompanhado dum consolador oferecimento:—Muito agradecida, senhor doutor... Não sabemos como pagar tantas atenções... Somos pobres... Mas...

—Não penses nisso, rapariga, se não deixo de visitar teu pai—atallava sempre, demorando presa á minha mão a sua mão delgada e quente, num aperto tremulo, amigo, ansioso.

Olhava-me com delicado respeito, e quando lhe largava a fina mão depois dum estremecimento

de despedida afetuosa, a rapariga contraia as faces coradas num dosolador confrangimento, as palpebras começavam a bater muito rapidamente para que as lágrimas não assomassem aos seus grandes olhos, e perguntava sempre, quasi a custo:—O senhor doutor volta amanhã, pois não volta?

Era o receio que se apoderava daquela fraca e tímida criatura de dezasseis anos, ao lembrar-se que tinha de ficar com o pai doente, toda a noite, e depois, tinha medo... o pai estava mal... e ella ali sosinha, sem ninguem que lhe tornasse o medo...

—«Ai senhor doutor,—dizia-me ella um dia, sentada junto de mim, ao lume, enquanto que aquecia num braseiro vivo o leite para o pai:—esta noite muito mal a passou. Com as dores queria levantar-se, queria bater-me, e muito espantado, olhava-me a tremer, a tremer muito, e Deus do ceu! como eu tive medo senhor doutor, como eu chorei...»

E quasi de manhã, eu ouvi piar três vezes a coruja... E dizem que é mau, não é senhor doutor?—Sinal de desgraça, de morte...

Pobre rapariga! Nesse mesmo dia, ao anoitecer, quando no campanário as trindades bateram, espantando as corujas que se deitaram no espaço pesado e escuro, em retirada, num piar estremunhado e agoirento, o pobre velhote, encarando-me com o seu olhar alquebrado e frouxo, hirto, ofegante, e acariciando com as mãos frias e magras a face pranteada da filha, abriu a boca num suspiro curto, fez esforços, queria falar, mas a respiração baixou e as palpebras cerraram-se-lhe.

Nem um beijo, nem uma palavra... Morrerá como um justo.

Infeliz rapariga! Todos os anos, por este tempo, ia visita-la diariamente.

Com que satisfação me recebia! Saltava ao meu encontro e atirava-se-me aos braços como uma irmã que me quizesse muito.

Desprendida e já muito familiar, conversava comigo animadamente, e um dia, tomando-me as mãos, propoz que jogassemos a sardinha.

Gostava muito, mas queria que lhe desse pancadas pequeninas, para que não fizesse doer.

E o esconde-esconde? Ah! quantas vezes jogamos o esconde-esconde!... E era vê-la logo a tremer, batendo desordenadamente as mãos, quando a surpreendia muito encotinhada no seu esconderijo.

Foi nesse jogo que eu uma vez a intimei:—Estás presa, e só serás solta quando pagares tudo que me deves.

E agarrei-a pelos braços, encarando-a sorridente.

Bem sei que és pobre, mas tem paciencia... E tu prometeste, lembras-te?

Tomou a serio o meu gracejo, corou de vergonha, amouu, e as lágrimas começaram a cair-lhe pela face.

Se soubera não lhe tinha dito nada. Também foi só um momento.

Rápidamente chegamos a um accordo; e depois do ajuste, muito mais alegre, sorrindo perdidamente, dizia:—Não que sempre o senhor doutor s'alembra de cada uma!...

Estava combinado. Ficava muito tempo,—e Deus permitisse que fosse muito—a pagar-me em beijos, até que casasse.

Nesse dia findava o pagamento. Só foi pontual no mez de Setembro do ano passado.

Era todos os dias. Durante o mez, mais de mil beijos...

Morava longe, então, porque tinha ido para a companhia dum tio, lá muito no cimo, acolá, perto da igreja.

Mas eu ia sem custo...

Este ano, quando a encontrei pela primeira vez, ia para ella num cumprimento saudoso, como de costume, mesmo para lem-

brar-lhe a divida, não fosse esquecer, mas a rapariga, mal me surpreendeu ao longe, baixou o olhar, subiu á cara o chales, e passou sem dizer nada.

Teria já vergonha de dar beijos?!

Teria casado? Um dia, perguntei-lhe:—Estamos de mal, Emilinha?

—Não, senhor doutor,—respondeu, a voz sumida, olhar no chão—estou muito doente.

Já não era a mesma, não.

Tinha as faces chupadas, as côres comidas, o olhar muito vivo, as olheiras arroxeadas, fundas, os labios desbotados, murchos, a voz presa, cavernosa, e aquella tosse, sempre aquella tosse...

Estava etica.

E não olhava para mim, e fugia de mim, com medo que eu lhe pedisse ainda,—por conta da divida que só terminaria quando ella casasse,—beijos, muitos beijos...

Pobre Emilia!...

—Vê-la?... Acolá, no fundo do rio, a tossir, a tossir desesperadamente...

A. V.

Vida literária

Remy de Gourmont

(Vej. n.º 40)

Estava-se então em plena reacção contra o naturalismo, assim como contra a escola chamada «psicologica» de Bourget, cuja tapeçaria mundana e sentimental era feita de fios tão grossos que não nos parecia diferir essencialmente das pesadas e brutais construcções realistas. O simbolismo tinha nascido, musical, sugestivo, indirecto. Mas se o simbolismo havia produzido obras, não encontrara ainda as suas fórmulas. Discutia-se muito e incansavelmente sobre o que seria ao certo o simbolismo. Foi Remy de Gourmont que se abalançou a defini-lo, elle próprio que mostrava do simbolismo perfeitos e delicados productos. Eram, poesia ou prosa, as *Litanies de la Rose*, *Liluh*, *Fantôme*, *Fleurs de Jadis*, *Hieroglyphes* e o poema dramático *Théodat*, que foi representado no *Théâtre d'Art* ao mesmo tempo que *Les Aveugles* de Maeterlinck, o *Concile féérique de Laforgue* e o *Cantique des Cantiques de Roinard* que era acompanhado por uma orquestração musical, luminosa e perfumada, a fim de que, por uma concordância apropriada dos sons, das vozes, das côres e dos perfumes, todos os sentidos fossem conjuntamente impressionados pelo mesmo simbolo.

Que era, afinal, o simbolismo? Remy de Gourmont relacionou-o brilhantemente com a doutrina subjectiva do idealismo filosófico: *il en fit une libération esthétique de l'objectivisme des formes*.

Assim como o idealismo, que concebe o mundo do interior e o projecta ao exterior segundo as categorias do cérebro, significa livre e pessoal desinvolvimento do individuo intellectual, da mesma maneira o simbolismo é considerado como o livre e pessoal desinvolvimento do individuo estético, os symbolos que ha de imaginar para dar curso á sua actividade criadora devendo ser imaginados segundo concepção especial do mundo morfologicamente possível a cada cérebro simbolizador. O poeta simbolista não observará, portanto, o mundo para nêle se inspirar, analisar-se-á a si próprio, o mundo que lhe é pessoal e de que, pela projecção de imagens tornadas symbolos, realizará exteriormente a aparência e a fantasia.

E' á luz destas definições que deverão consequentemente ser estudados e compreendidos todos os escritores simbolistas, o próprio Remy de Gourmont, no que respeita ao seu periodo simbolista.

De resto, no nosso bom amigo, este não durou mais de sete ou oito anos, e, depois das obras citadas, não posso colocar a etiqueta simbolista senão em dois volumes de contos, *Histoires magiques* e *Pays loitain*, as pequenas obras formando o *Pèlerin du silence*, a tragédia *Vieux Roi*, talvez emfim o romance—*Les Chevaux de Diomède*, que data de 1897 e em que todos os personagens são aspectos diversos da inteligência e sensibilidade do autor.

A doutrina simbolista apenas podia, bem intencido, aplicar-se ás obras de imaginação e foi a poesia que dela tirou os mais fructuosos recursos. Mas era acompanhada necessariamente, na ordem especulativa, de e todos filosóficos, históricos e críticos que deviam fundamentar a sua razão de ser e sustentar o suntuoso monumento. Aqui se tornou capital o papel de *Gourmont* e a sua incomparável erudição por um lado, a sua inteligência crítica por outro, prestaram á causa simbolista os mais importantes serviços. O conhecimento das épocas e das literaturas em que a simbólica predominou devia ser dum precioso auxilio para os novos escritores modernos á cata de imagens raras. *Gourmont* applicou-se a desvendar-lhe os arcanos. A tal obra consagrou um livro, uma revista e numerosos artigos. O livro foi—*Le Latin mystique*—, estudo magistral sobre os poetas do antiphonário e da simbólica na idade média. A revista foi *L'Imagier*, publicada durante três anos, de 1894 a 1896, em fascículos trimestrais, com edições anexas sobre a *Poesie populaire*, *le Mirach zodiacal*, *astrologico*, *magico*, *cabalistico*, *artístico*, *literário* e *profético*. *Continúa.*

João Monteiro de Meira

Devo á penhorante gentileza dum amigo comum de raro e fino espirito—o sr. Luís da Costa Campos—as relações que me prenderam a João de Meira. Ao enquadrar em escuras palavras o *ex-libris* do querido morto, evoco, maguadamente, as muitas horas do extremado prazer espirital que aquela apresentação me trouxe. Sob a máscara ingénua e glabra de *body*, de olhos calmos e azuis—dois ceus pelo azul e pela bondade, engastados em uns largos óculos redondos, havia uma grande alma sã e uma clara e alta inteligência. A afluír, a pairar, a dominar, a afluír através de todas as suas conversas, de todos os seus escritos havia um agudo e penetrante senso crítico de par com um superior vizeonamento dos homens e dos factos, uma metódica e portentosa acuidade de observação e uma maravilhosa intuscepção de investigador *pur sang*. Por sobre tudo era um talento duma estupenda maleabilidade, um camilianista *hors-ligne*, um *pasticheur* de extraordinárias e excepcionais aptidões, além dum médico de renome.

Nasceu em Guimarães a 31 de Julho de 1881, filho do illustre clínico sr. dr. Joaquim José de Meira. Concluiu o seu curso médico pela defesa duma notável dissertação inaugural em 30 de Janeiro de 1907; por decreto de 7 de Maio de 1908 foi nomeado, precedendo concurso, lente substituto da secção cirúrgica, cargo de que tomou posse a 14 do mesmo mês. *(Continúa).*



SEMAPA NOTICIOSA

Censura à imprensa

Pelo sr. Governador Civil do districto, foi dirigida á autoridade administrativa uma circular nestes termos:

«Por ordem do Ex.^{mo} Ministro do Interior, queira V. Ex.^a transmitir á Comissão de Censura Preventiva à imprensa dêsse concelho, as inclusas instruções que revogam as anteriormente dadas. Instruções para a censura—

Não podem ser publicadas:

a) Quaisquer notícias de caracter diplomático que possam ter ligação com a nossa intervenção na guerra;

b) Quaisquer notícias referentes à nossa preparação militar e à nossa intervenção;

c) Quaisquer notícias referentes à nossa preparação naval, à defesa dos nossos portos e costas, ao movimento de navios, quer de guerra, quer mercantes, nacionais ou estrangeiros, e à existência de submarinos nas águas portuguesas do continente e colónias.

Exceptuam-se as notícias dadas a respeito dos assuntos das três alíneas anteriores pelos gabinetes dos ministros respectivos.

Não serão permitidos quaisquer artigos favoráveis aos inimigos de Portugal contra os seus aliados ou que por qualquer forma possam contrariar a intervenção de Portugal na guerra contra os alemães.»

Melhoramentos

Pela Câmara Municipal foram submetidos á apreciação do Governo os projectos para occorrer á reparação, melhoramento e alargamento da Praça de S. Tiago, ruas do Gravador Molarinho e Espírito Santo, e do caminho público que vai do lugar da Cancellaria Nova ao lugar da Granja, na freguesia de Atães.

Escolas primárias

Estão a concurso um 2.^o lugar de professor da escola do sexo masculino, da freguesia de S. João das Caldas de Vizela, um 3.^o lugar de professor da escola central feminina, e o lugar de professora da escola feminina, da freguesia de S. Martinho de Sande.

Concerto

Realizou-se na quinta-feira, perante distincta assistência, no nosso primeiro teatro, o anunciado concerto sinfónico da direcção do maestro, sr. Américo Angelo.

A execução do programa, que se compunha dèstes números—*Valsa polca*, M. Angelo; *Reverie*, Schumann; *Um di, Toledo*, *altera*—*Eurico*, M. Angelo; *Serenade*, Lacomme; *1.^a sinfonia* (final), Beethoven; *Chant de la Berceuse*, Mendelssohn; *Danças arabes*—*Eurico*, M. Angelo; *Credo*—*Otello*, G. Verdi; *Tempestade*, A. Angelo; *Marcha Progredior*, M. Angelo; foi correctea, pois do grupo dos executantes faziam parte verdadeiros artistas.

Está anunciado outro concerto para o dia 7 do próximo mês de Fevereiro.

Falecimentos

Faleceu o sr. Manoel de S. Boaventura Mendes Guimarães, pai do sr. José Ladeira Guimarães e das esposas dos srs. António José de Oliveira e Francisco António Alves Mendes.

Também, após prolongado sofrimento, faleceu em sua casa, á rua de Alcobaça, o industrial, sr. Gabriel de Faria, irmão do solicitador, sr. Francisco de Faria. As nossas condolências.

Os talhos

Pelo disposto no artigo 7.^o do Decreto de 30 de Dezembro findo, é prohibida a venda de carne de vaca, um dia em cada semana. Conforme o edital publicado pela Câmara Municipal, os talhos, neste concelho, teem de fechar á quinta-feira, dia da semana em que aqui fica prohibida a venda de carne.

Cereais

Nos últimos mercados, tem-se vendido o milho a 1216, os 20 litros; o centeio, a 1220, igual medida. Ovos, 24, a dúzia.

«Orfeon de Guimarães»

Estão animados da melhor vontade todos os elementos que constituem este grupo coral.

Dos ensaios, a que todos concorrem com admirável assiduidade, teem-se colhido bons e rápidos resultados, mercê, incontestavelmente, do esforço dos chefes de *naipes*, srs. Alvaro Ventura, P.^o Maia dos Santos, P.^o Ferreira Ramos, António Machado e Domingos Machado.

O orfeon já cantou o primeiro número, sob a direcção ou regência do sr. João Amaral que não occultou a sua satisfação pelos progressos feitos.

Não vem longe, pois, o dia em que o «Orfeon de Guimarães» fará á sua apresentação ao público da sua boa e querida terra.

Pela imprensa

A *Voç da Verdade*, semanário católico de Braga e de que é director o sr. Padre Silva Gonçalves, senador, ao entrar na 4.^a série, ano 24, modificou o seu aspecto material, que é agora duma revista.

O nosso presado colega *Jornal de Penafiel* transcreveu á nota da *Vária—Frases e filosofias para uso da mocidade*—cuja primeira tradução em português nós demos, do genial escritor inglês Oscar Wilde.

O nosso distincto colega—*Democracia do Sul*—transcreveu também o *Calendário do agricultor*.

Carteira

Passou á Guarda Republicana, do Porto, o alferes de infantaria 20, sr. João Alves Ferreira.

Da Escola de Guerra, onde estava fazendo serviço, apresentou-se o alferes do mesmo regimento, sr. Augusto Cesar de Moraes.

Continuam em pagamento, na administração do concelho, os subsídios—Subvenções—às famílias dos soldados mobilizados de infantaria 20, que, na forma da lei, requereram êsse subsidio.

Tem estado doente o nosso presado amigo, sr. Guilhermino Alberto Rodrigues, habil contador, nesta comarca.

Desejamos-lhe o completo restabelecimento.

Tambem estão doentes os srs. P.^o António Garcia Guimarães, Alberto Mourão e Tenente Mascarenhas.

A todos, prontas melhoras.

Foram concorridos os funerais de Manuel S. Boaventura Mendes Guimarães e Gabriel de Faria.

Cantina Escolar Vimaranense

Balancete mensal do estado financeiro da Cantina, relativo a Dezembro findo, alinea f) do artigo 5.^o dos Estatutos:

Receita	
Saldo antecedente	1.266\$93,3
Da Comissão de Assistencia Districtal	100\$00
Da Administração do Concelho	20\$00
Quotas cobradas	3\$30
Soma a receita	1.390\$23,3
Despesa	
Para o Deposito de Material Escolar	100\$00
Para aquisição de sementes	10\$00
Import. de pão de milho	18\$85
Idem de generos de mercearia	7\$63,5
Ordenado da cozinheira	2\$66
Idem da servente	1\$90
Despesas mindas da cozinha	9\$37
Despesas de carpinteiro na cozinha	4\$35
7 % ao cobrador	\$23
Soma a despesa	154\$99,5
Saldo para Janeiro, 1917 sendo 1.050\$00 na Caixa Económica	1.235\$23,8

O TESOUREIRO,

L. A. Pina Guimarães.

TEATROS

Gil Vicente e Afonso Henriques

Domingo, 28

Continua a exhibir-se, nos nossos teatros, a extraordinária pelicula

MISTERIOS DE NEW-YORK

(Drama Policial)

COM

A FALSA ELAINE

AS DUAS ROSAS

uma das mais reputadas fitas que no genero se tem exhibido em todos os teatros do país, e que em Guimarães está sendo interessadamente observada.

Completam o programa 4 empolgantes fitas—costumado trabalho artistico.

Na proxima continuação da assombrosa fita, vai

OS CONTRABANDISTAS DE OPIO

A INVENÇÃO DE CLAREL

EDITAL

(2.^a Publicação)

Avelino de Faria Guimarães, Presidente da Junta de freguesia da Oliveira.

Faz publico que se acha patente na Secretaria desta Junta, durante o prazo de 15 dias, a contar da data do presente edital, o caderno da contribuição paraquial, que ha-de constituir receita para o ano de 1917, a fim de ser examinado pelos interessados, que poderão apresentar qualquer reclamação dentro do referido prazo.

Guimarães, e Secretaria da Junta de freguesia da Oliveira, 20 de Janeiro de 1917.

O Presidente,

Avelino de Faria Guimarães.

EDITAL

(2.^a Publicação)

A Comissão Executiva da Câmara Municipal do concelho de Guimarães:

FAZ PUBLICO, nos termos do artigo 7.^o do Decreto de 30 de Dezembro de 1916, que é expressamente prohibida a venda de carnes verdes ás quintas feiras no concelho de Guimarães.

E para constar se publica o presente edital e outros de igual teor nos lugares do costume e estilo e ainda nos estabelecimentos dos matadouros para que os fornecedores não aleguem ignorância.

Guimarães, Secretaria da Câmara, 19 de Janeiro de 1917. E eu José Maria Gomes Alves, chefe da Secretaria o subcrevi.

O Presidente da Comissão Executiva,

Mariano da Rocha Felgueiras.

Estância Termal das Taipas

(Situada a 14 quilómetros de Braga e 8 de Guimarães)

Aguas meso-termiais, hipo-salinas, sulfúrias, carbonatadas (sódicas e cálcicas), cleretadas, litinadas, silicatadas, fluoretadas, arsenicais, radioativas.

AS UNICAS ÁGUAS DO PAÍS PARA A CURA DAS DOENÇAS DE PELE

Tratamento das afecções dos aparelhos respiratórios, digestivos e génito-urinário; reumatismo; manifestações artríticas e sifilíticas

Tratamento das doenças das Senhoras sob a direcção duma Médica

Instalações completas para electroterapia

CLÍNICOS DA EMPRESA:

Drs. Alfredo Fernandes e Celeste Azevedo Fernandes

ÉPOCA TERMAL—1 de Maio a 30 de Outubro

INTERNATO MUNICIPAL

ANEXO AO LICEU NACIONAL DE GUIMARÃES

COM DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO AUTÓNOMAS

Director pedagógico—Dr. Eduardo d'Almeida.
 » disciplinar—Cónego António da Silva Ribeiro—Secretario e professor do Liceu.
 » administrativo—José Caetano Pereira.

Instrução primária. Montou se uma aula modelo com professor habilitadíssimo. Alunos internos e externos.

Instrução secundária. Cursos do liceu—no Liceu de Guimarães, no mesmo edificio. Curso de 6.ª 7.ª classes—habilitação por distintos professores. Para este curso admitem-se externos.

Instrução profissional. Curso de comércio—indispensável a todos os que se destinam à vida comercial ou desejam sair do país. Cientificamente organizado, competentemente dirigido, técnico, prático. Internos e externos. Admite-se a matrícula avulsa em qualquer cadeira. Preços convencionais para empregados de comércio.

Instrução artística. Atelier escola—Expressamente construido. Cursos de desenho e pintura—professor o distinto Artista Abel Cardozo, pintor, director e professor da Escola Industrial. Aula de música-canto-dança—por um competente professor.

Educação física e moral. Inspeção médica permanente—Médico: Dr. João de Almeida, professor do Liceu. Quartos especiais para doentes. Aula de higiene—gratuita e obrigatória para todos os internos. Balneario—duches, banhos em tinas de mármore. Educação moral e civil—palestras e conferências pelo director pedagógico. Ginásio académico—exercícios físicos. Sessões literárias e musicais. Grupo de escoteiros—Sala de armas.

A melhor casa da provincia pelas suas condições higiénicas que desafiam qualquer confronto. Tratamento abundante géneros de 1.ª ordem, e escrupulosamente limpo. Direcção pedagógica moderna. Completa liberdade religiosa, atendendo-se e respeitando-se escrupulosamente as indicações das familias.

Pedir informações à SECRETARIA DO INTERNATO MUNICIPAL—Guimarães

FARMACIA NORMAL

Praça de D. Afonso Henriques, 17 a 20

Abriu no dia 31 de Janeiro este importante estabelecimento com um sortido enorme de todos os artigos farmacêuticos de maior consumo e de absoluta confiança exigidos pela moderna terapêutica.

— Ao Ex.º corpo clínico

— Aos seus amigos

— Ao público em geral

participam-no

Manoel Jesus de Sousa & C.ª

DEPÓSITO DE POLVORA DO ESTADO

Agencia da Companhia de Seguros

Portugal Previdente

Tintas, vidros, oleos, cimentos e vernizes
 Completo sortido em molduras para quadros
 Papel para forrar casas
 Azulejos e mosaicos
 Artigos para caçadores, e muitos outros artigos pertencentes a este ramo de negócio.

ROGARIA: FERNANDES GUIMARÃES & IRMÃO SUC.ª

78, Rua da República—GUIMARÃES

"PROSPERIDADE"

Companhia de Seguros e Reseguros Terrestres e Marítimos

SEDE NO PORTO: RUA DE TRAZ, N.º 7-2.º

Agente em GUIMARÃES

António José Peixoto da Costa

Rua da República n.º 144

Instituto Informador Comercial

— DE —

FORTUNA & BARBEDO Limtd.ª

Rua das Carmelitas, 100—2.º—PORTO

Telefone 386

Telegrafo Forbedo

Correspondentes em todos os pontos do PAÍS, MADEIRA, AÇORES, AFRICA e todos os paizes do ESTRANGEIRO.

Serviço especial de administração, compra e venda de predios e colocação de dinheiro sobre hipotecas.

Comissões, consignações e conta própria

DOMINEUS VINHAREIRO & F.ª

GÊNEROS DE MERCEARIA

— E —

CONFÉITARIA

SERVIÇO DE PASTELARIA

Executam-se encomendas para casamentos, batizados e soirés.

ESPECIAL CAFÉ Á CHÁVENA

— DA —

BRAZILÉIRA **PARISIENSE**

VAGO

O REPUBLICANO

Propried. do Centro Democrático Vimaranesense
 (Publica-se aos sábados)

PREÇO DA ASSINATURA

Ano	1\$80 cent.
Semestre	\$65 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$50 "
Número avulso	\$08 "

PREÇOS DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha	6 cent.
Repetição, por linha	2 cent.
Permanentes, contrato convencional	
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

O Republicano

PROPRIEDADE DO CENTRO DEMOCRÁTICO VIMARANENSE

1.º Ano PUBLICA-SE AOS SÁBADOS Num. 42

Ao Cidadão